

FV01- Matriz Tupi

Neste primeiro capítulo do documentário “O Povo Brasileiro”, de 2000, dirigido por Isa Grinspum Ferraz e produzido pela produção da Fundação Darcy Ribeiro, TV Cultura e GNT, a partir da obra de Darcy Ribeiro O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil, de 1995, o autor apresenta as origens do que há mais de 1000 anos chama-se Brasil. Com comentários pontuais do próprio Darcy Ribeiro e de narração de Chico Buarque, o documentário começa por descrever como foi antes descrito o Brasil, em cartas que foram escritas por navegantes que passaram por aqui: era chamado de “ilha Brasil”, muito antes dos portugueses chegarem e registrarem (e por conseguinte colonizarem) “oficialmente” a existência do Brasil; ou seja, o nome Brasil está longe de vir da árvore pau-brasil.

Estas primeiras informações já batem de frente com o que nos é ensinado nas escolas, colocando sempre o português como o salvador, a pessoa que salvou os Brazis (como eram chamados os índios nativos) da selvageria, cataquesindo-os e principalmente, julgando-os com os olhos Europeus do que era certo e errado, ou o belo e moral, ou sei lá o que que eles tinham como modelo de sociedade, e que fizeram questão de impor, como bons colonizadores, para os índios que já existiam por aqui e que eram altamente organizados, com diversas éticas, culturas, crenças, etnias internas, que apesar de diferentes entre si, eram consistentes.

Os Brazis eram divididos pela língua que falavam, e quando o homem branco chegou, somavam cerca de 8 milhões, espalhados pelo território que hoje compreendemos como Brasil. O enfoque deste primeiro capítulo é na chamada “Matriz Tupi” que engloba o povo Tupi-Guarani, que foram os primeiros a cruzar o país, de Norte à Sul; vindos do que hoje compreendemos como Pará, mais especificamente do Leste da Amazônia, passando por todo o Pantanal, Planalto e chegando no litoral, eles se dividiram: alguns grupos indo pro Sul, outros pro Norte. Durante essa “diáspora fantástica”, os indígenas foram nomeando todo e qualquer elemento da natureza que viam à sua volta, de plantas à locais específicos; esta riqueza de nomes e conhecimento são o legado deixado por eles que permeia até hoje em nosso vocabulário; uma das únicas coisas que os portugueses não conseguiram apagar pois quando eles invadiram o território, os povos Tupi do litoral já haviam se instalado e feito toda a “catalogação do terreno”. O que explica a sobrevivência destes nomes é a valorização da figura do ancião das aldeias, que quando sobreviviam aos ataques do homem branco, passavam para frente o rico conhecimento que possuíam.

De acordo com a fala do geógrafo Aziz Ab’Saber “um índio, na força de sua cultura, ele se basta. É auto suficiente.” Essa frase resume o quão bem organizado e rico de conhecimento era cada um dos vários povos indígenas e principalmente, cada pessoa que compunham esses povos, nas suas diferentes idades e posições ocupadas dentro da comunidade, (se é que podemos falar desta maneira) de acordo com sua idade e sexo, mas nunca de uma maneira que excluísse certa classificação ou certo grupo de pessoas. Como dito no vídeo, os índios se organizam de uma forma natural que foi consagrada com o decorrer dos anos e das gerações, que repassam as experiências passadas, que definem certos comportamentos que serão passados adiante, como por exemplo quando alguém nasce na aldeia: a maneira como será tratada será diferente de acordo com o seu sexo, por conta de uma cultura carregada há muitos anos.

Este primeiro capítulo já nos dá muito “pano pra manga” para pensarmos ou melhor, repensarmos sobre o julgamos saber e conhecer sobre os primeiros habitantes (nunca donos) desta terra “sem males, a morada de Deus”; temos que desvencilhar-nos do que antes era a verdade suprema para que possamos olhar o Brasil pelos olhos do colonizado, nunca do colonizador. Tarefa esta que é, muitas vezes, deveras difícil de se cumprir.

“somos uma cultura sincrética. Um povo novo, que apesar de fruto da fusão de matrizes diferenciadas, se comporta como uma só gente, sem se apegar a nenhum passado.”